



# XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade" São Cristóvão/SE/Brasil 20 a 22 de Setembro de 2018 ISSN: 1982-3657



Recebido em: 05/  
Aprovado em: 05/  
Editor Respo.: Veleid  
Bernard  
Método de Avaliação:  
Blind  
E-ISSN:19:

## A EMERGÊNCIA DAS TIC PARA TRANSFORMAR A EDUCAÇÃO DO CAMPO EM SERGIPE

JOSIVAN DOS SANTOS MOURA  
ELZA FERREIRA SANTOS

EIXO: 3. EDUCAÇÃO NO CAMPO, MOVIMENTOS SOCIAIS

As Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) possíveis de serem aplicadas na educação do campo tem sido um discutido na contemporaneidade. Este artigo tem como objetivo investigar as possibilidades do uso dessas tecnologias povos do campo em uma sociedade cada vez mais excludente suplantada pelo capitalismo. Assim, com os dados cole através de observações durante o curso de formação continuada de professores para a educação do campo, partiu-se analisar os dados sobre o seguinte aspecto: Em que medida às TIC podem contribuir na luta dos povos do cam superação do capital e emancipação social como defende Marx Para chegar alguma análise foi utilizado estudo fundamentação marxista como os de István Mészáros, Claudio Marinho, Celi Taffarel, Otero-Garcia, James Jasper, Ri Antunes, entre outros, bem como os do próprio Marx.

Palavras-chave: Educação do campo. TIC. Capitalismo.

### Introdução

O presente trabalho tem como tema: educação do campo e a emergência das TIC para transformar a educação do cam Sergipe, refere-se à transformação da realidade dos povos do campo. Embora, o campo, principalmente, as escolas do c não recebam investimentos suficientes em tecnologias digitais - são precárias as políticas públicas efetivas de esta municípios para melhorar as condições de acesso as essas tecnologias pelo campesinato brasileiro, em especial, em Se -, sabe-se que os povos do campo necessitam da presença dessas tecnologias igualmente a qualquer outro local, porq trata de um direito a eles negado.

A partir dessa premissa, mas também de outras que ao longo do trabalho serão pontuadas, lançou-se um estudo qu como objetivo central, investigar as possibilidades do uso das TIC pelos povos do campo em um sistema político e econ cada vez mais excludente, o capitalismo.

Para alcançar os objetivos traçados, utilizaram-se dados coletados através de observações durante o curso de forn continuada de professores para a educação do campo, promovido pela UFS aos professores do município de Lagarto Itabaiana/SE sob a coordenação da professora Marilene Santos cujo autor deste artigo na qualidade de professor foi ur membros executores. Em seguida utilizou-se o suporte de livros e artigos de estudiosos renomados: Manuel Castells (2 Claudio Marinho (2008), Karl Marx (1975), István Mészáros (2005), Otero-Garcia (2008), Celi Taffarel (2011), James J (2016), Ricardo Antunes (2017) entre outros para ajudar na interpretação dos dados e no desenvolvimento do tem questão.

TIC, que direção tomar a partir do que está posto

Com o surgimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), se por um lado a história conota um certo bem à sociedade a partir da presença delas, por outro lado, essas mesmas tecnologias revelaram mudanças profundas no n do trabalho. Tal acontecimento, ao invés de promover a liberdade humana (equidade, o desenvolvimento igual para tod mesmas oportunidades etc.), promove o controle de tudo e de todos e, conseqüentemente, dá a origem as falsas liberd Assim, o que se ver é controle total do trabalhador. Este é obrigado a se alienar ao modo de produção capitalista. †

sentido, o processo de subsunção formal e real do trabalhador, inclusive do professor ao capital é evidente.

É evidente porque a subsunção formal de acordo com Marx (1985, p. 87) diz respeito a “forma geral de qualquer pro capitalista de produção” que se expressa pela exploração do trabalho alheio por parte do capitalista que atua controlador do processo de trabalho. Tudo isso de acordo com Marx (1985, p. 88) com o objetivo de “[...], obter mais dir do dinheiro”. Este é um processo que tem se ampliado cada vez mais através da presença das TIC no sistema de pro capitalista. Quanto a subsunção real, ela surge como forma particular do processo de produção capitalista, pois pa coexistir pela inserção da maquinaria, apoiada em diversas ciências, a qual vai determinar um maior desenvolviment forças produtivas e a modificação das relações de produção.

Mais uma vez às TIC assumem um papel importante nas relações de trabalho. Recentemente, Ricardo Antunes em entr a revista CartaCapital apontou que na era do trabalho digital caminhamos para um mundo do trabalho onde a condiç precariedade é a tendência dominante e, pior, já é realidade em alguns países, a Inglaterra e Itália por exemplo já tem pr nesse sentido. Sabe-se que desde 1995 em sua obra "Adeus ao Trabalho" Antunes alertava para esse fim, que agc Brasil está as portas de acontecer com a reforma trabalhista e a lei da terceirização do governo de Michel Temer, reform já tramita no Congresso Nacional. Isto tudo tinha sido teorizado por Antunes ao elaborar o conceito “escravidão do sécul – um mundo do trabalho baseado na precarização e no esgarçamento das relações de trabalho.

Desse modo, ao relacionar às TIC à ciência e, conseqüentemente, ao modo de produção capitalista, tem-se que lembrar diz Marx em um dos seus Manuscritos de 1861-1863 ao falar de capital e tecnologia: "o capital não cria a ciência e explora apropriando-se dela no processo produtivo". Nessa perspectiva, em paralelo enxerga-se também que o capital se encarna em coisas: instrumentos de produção criados pelo homem. Contudo, no processo de produção capit não é o trabalhador que usa os instrumentos de produção. Ao contrário: os instrumentos de produção - convertidos em c pela relação social da propriedade privada - é que usam o trabalhador. Dentro da fábrica, o trabalhador se torna um apê da máquina e se subordina aos movimentos dela, em obediência a uma finalidade - a do lucro - que lhe é alheia. O tra morto, acumulado no instrumento de produção, suga como um vampiro (a metáfora é de Marx) cada gota de sang trabalho vivo fornecido pela força de trabalho, também ela convertida em mercadoria, tão venal quanto qualquer (MARX, 1975, p. 30).

Desse modo, é mister dizer que na atual sociedade capitalista todos se depararam com os processos de subsunção (for real). Por isso, relacionando as TIC à educação do campo e ao trabalho docente que acontece também no campo, n pode propor qualquer debate, inclusive nos próprios curso(s) de formação continuada de professores do campo, remetê-los de algum modo às teorias marxistas de interpretação da realidade, tampouco deixar de inserir o debate emer das TIC, haja vista, que elas têm sido o agente modificador das relações de trabalho no capitalismo contemporâneo.

Nesse sentido, é urgente subverter, ou seja, revolucionar o uso dessas tecnologias, principalmente, no que se ref apropriação delas no processo de ensino-aprendizagem. Elas, de fato, ao modo capitalista de produção têm aprese enorme influência no trabalho docente. Além do mais, a inserção delas na educação, a partir da lógica do capital, ren toda estrutura escolar - não se está falando de informática, internet na escola, mas de elementos que estruturam/determ as relações de trabalho na educação -, dotado de pedagogias que têm a intenção de preparar os alunos somente p mundo do trabalho cujo interesse é atender à lógica de mercado - um mercado cada vez mais excludente. Essas pedaç não têm o interesse de formar sujeitos críticos, tampouco reflexivos das coisas que o cercam.

Contrapondo-se a essa lógica, alerta-se aqui sobre o que se considera ser necessário para um aprofundamento so significado político da inserção/integração das TIC na educação do campo: usar as tecnologias para contribuir com a forn do sujeito-cidadão para que ele possa conjugar direitos e não somente deveres. Como afirma Martins (2006, p. 2 condição para apropriação das novas tecnologias pelo professor reside na percepção de que essas tecnologias p contribuir para a emancipação dos sujeitos”. Isso significa inserir as TIC no contexto da educação do campo para além ter apenas o acesso às informações, do domínio dos recursos tecnológicos e da exploração da técnica.

Por conta dessas questões se faz necessário um avanço nos estudos dessa temática, no sentido de apontar as difer possibilidades de apropriação das TIC, não meramente para formar sujeitos para atender o mercado de trabalho, mas, ; de tudo, possibilitar uma formação que contemple uma possível emancipação humana e, não uma "tecnologia config para reproduzir o domínio de poucos sobre muitos, [...]". (SOUZA, 2016, p. 18).

Nessa linha de pensamento, remete-se a categoria da emancipação humana ao pensamento de Marx que utiliza categoria no seu sentido "lato", ou seja, como mudança, tanto na forma de pensar quanto nas práticas sociais, a pa desejável instauração de um novo modelo social que supere a alienação e o sistema do capital. É um conceito com porque parte do princípio de que seja necessário um processo de luta coletiva e social.

Por isso, não se pode esquecer que às TIC, na prática, é um dos motores de sustentação da sociedade capi contemporânea, um dos mais importantes componentes da economia global, não se pode esquecer também que elas s tentáculos da sociedade da informação (também do conhecimento), basta interpretar o trabalho de alguns estudios

exemplo de Manuel Castells que desenvolveu um estudo sobre a sociedade em rede, ouse-se dizer que ele destacou de seus estudos duas categorias importante para o mundo do trabalho: informação e conhecimento, conseqüentemente, a sociedade capitalista contemporânea.

Na sociedade da informação, a escola deve servir de bússola para navegar nesse mar do conhecimento, superando a utilitarista de só oferecer informações “úteis” para a competitividade, para obter resultados. Deve oferecer uma formação na direção de uma educação integral. O que significa servir de bússola Significa orientar criticamente, sobretudo as criar jovens, na busca de uma informação que os faça crescer e não embrutecer. Hoje vale tudo para aprender. Isso vai além “reciclagem” e da atualização de conhecimentos e muito mais além da “assimilação” de conhecimentos. A sociedade conhecimento possui múltiplas oportunidades de aprendizagem: parcerias entre o público e o privado (família, em associações, etc.); avaliações permanentes; debate público; autonomia da escola; generalização da inovação” (GAD 2000, p. 8).

A partir daí, vê-se que não se pode negar a influência das TIC no processo de (re)construção da escola para além do c. No entanto, tem-se que alertar sobre os efeitos danosos a sociedade do trabalho, em especial, ao trabalho do docente (a presença maciça das TIC, quando o objetivo é somente regular/controlar o trabalho, o trabalhador. Nessa perspectiva professor é atingido duramente, haja vista, que ele tem seu trabalho e vida controlados pelo capital. Desse modo, qualquer outro trabalhador assalariado, ele produz mais-valia através da venda de sua força de trabalho e sofre condições de degradação impostas no exercício das atividades docente. Tal situação é intensificada mais ainda com a presença das tecnologias digitais que ditam a todo instante o “rito” do seu trabalho, mesmo quando o professor não encontra no espaço escolar. Nesse aspecto, o professor tem que realizar múltiplas atividades, inclusive muitas que vão além das tarefas da escola e da educação. Isso tudo vem de longas datas e faz parte de um conjunto de mudanças estruturais do capitalismo e que atinge diretamente o professor através de políticas educacionais e de reformas no sistema educacional brasileiro, em várias dimensões, desde a década de 1990.

Sabe-se há algum tempo que todos estão diante de uma enorme avalanche tecnológica e isso tem exercido uma enorme influência na sociedade, (re)criando paradigmas estruturantes ao capital. Por conta disso, é visível que a presença forte das TIC na sociedade capitalista contemporânea tem impulsionado uma nova ordem na educação. “São um dos motores chamados &39;paradigma dominante de mudança&39;. Exercendo um grande fascínio sobre as pessoas, fazem emergir novos conceitos, valores e relações sociais, e formas de organizações produtivas, [...]”, (SOUZA, 2016, p. 22).

Nessa lógica, jamais se deve esquecer que o capitalismo é uma fonte inesgotável de contradições e de conflitos sociais precedente. E, nesse contexto, as TIC entram na ordem do dia, aumentando categoricamente, mais ainda, as formas de exploração, dominação e alienação do trabalhador. Com a presença delas há uma ascensão do componente intelectual cuja qualidade básica é a “imaterialidade do trabalho, concorrendo para que a divisão do trabalho se transfira deslocando-se do seu caráter manual (material) para o seu caráter intelectual (imaterial)”. (LIMA, 2002, p. 89).

Sendo assim, o modo como tais tecnologias são operacionalizadas, surge como uma enorme revolução de interesse para o capital, muito maior comparado ao poder das duas revoluções industriais - I, II. A razão disso se dá, porque diante da realidade atual do mundo do trabalho, a teoria marxista indica a ocorrência de uma subsunção do trabalho ao capital cada vez com maior acumulação do capital em torno do trabalho “tecnificado”, ou seja, um trabalho de uso excessivo de recursos tecnológicos; rigorosamente técnico, mas desvinculado do “social”. Nessa perspectiva, há uma ocorrência de extração de mais-valia absoluta, isto é, trabalho não pago. Tal extração operada sob o aumento da jornada de trabalho e, corresponde a uma subsunção de natureza formal, chegando à mais-valia relativa; caracterizada pela diminuição do valor da força de trabalho e do preço do trabalho abaixo do seu valor, o que corresponde a uma subsunção de natureza real (LIMA 1984).

Assim, pode-se dizer que quanto mais o trabalhador é qualificado ou se qualifica em atendimento às contradições e exigências do capital, mais ele é explorado com o objetivo de aumentar sempre a mais-valia do capitalista. Esta é a ordem (re)configura ainda mais, a cada instante, os trabalhadores.

A qualificação da força de trabalho continua sendo considerada um dos fatores preponderantes de produtividade e ascensão social, tanto que com a inserção das Novas Tecnologias no processo produtivo, busca-se valorizá-la através da requalificação - processos de ampliação de conhecimentos, injetando em cada trabalhador uma necessidade virtual de auto formação continuada. A capacitação e a especialização, apesar de categorias já existentes, voltam a ser estimuladas no sentido de dar conta da atualização da força de trabalho para atender as mudanças nos diferentes processos de trabalho as quais, com a reestrutura produtiva, mudam, qualitativamente, sua configuração e ampliam seu nível de complexidade como, as demandas do capital e da sociedade. (LIMA, 2002, p. 112).

Nesse sentido, urge sinalizar para as diferentes possibilidades de uso das TIC para além do capital que contrarie a hegemonia estabelecida. Isto significa: apropriar/dominar/disseminá-las para além do instrumental, deve-se explorar as possibilidades de saídas que trilhe um caminho de dominação e apropriação que contemple acima de tudo possibilidades

emancipação social, como mudança na forma de pensar e agir em sociedade. É a partir desse pilar que se deve envolver TIC à educação do campo, bem como envolvê-las ao trabalho docente de professores que atuam nas escolas do campo. Sendo assim, as TIC podem, se apropriadas simbolicamente iniciar um processo de emancipação social. Haja vista, que parecem promover de algum modo, quando utilizadas pelos sujeitos para esses fins, novas formas de socializar colaboração em rede com o compartilhamento de informação e de conhecimento que se dá pelo uso compartilhado colaborativo de tudo que pode ser produzido, transmitido e/ou herdado através delas. Como defende Souza (2016, p. 101) "é preciso incluir o infopobre retirando-o do apartheid digital. É preciso disponibilizar meios que proporcionem a comunidade enquanto o diálogo entre pessoas que buscam o entendimento recíproco, em várias dimensões dialógicas possíveis".

A partir daí, mais do que ter clareza das modificações ocorridas e/ou que podem ocorrer por conta das TIC utilizadas a da emancipação social a fim de quebrar a lógica capitalista estabelecida, é preciso pensar sobre o uso delas na prática para atingir esse fim, tem-se que lembrar que no ano de 2013 surgiram diversos movimentos de protesto no mundo. Aqui no Brasil esses movimentos utilizaram as Redes Sociais, ou seja, fizeram uso das tecnologias digitais estrategicamente para organizar e protestar em prol de direitos.

Assim entendido, esses movimentos e todos aqueles que se envolvem com as causas dos povos do campo têm imposto singular/coletiva a favor da superação do capital, pelo seu componente de luta que em outras palavras acaba fortalece a ampla luta social - luta de classe - de acesso à educação, a escola, à terra e, mais ampla ainda, pelas diversas formas de acesso às tecnologias (TIC, tecnologias ligadas à terra entre outras), uma luta que se traduz também por ser uma luta a da educação do campo, uma luta pela manutenção da identidade e da cultura dos povos do campo.

Esta é uma classe que, sob o ponto de vista histórico, menos tem recebido amparo do poder do poder público (municipal, estadual e federal).

Os maiores beneficiados com a presença das tecnologias da informação e comunicação, em qualquer meio social, é o acesso com o aumento da dominação dos meios de produção. É importante ter em mente que o maior dilema a ser enfrentado pela classe trabalhadora é organizar o acesso às tecnologias - incluindo as tecnologias digitais -, a fim de superar a lógica do capital, no sentido de mobilizar pessoas e coletivos de pessoas que deem respostas ao desmantelamento social imposto pelas elites. Esse enfrentamento tem sido feito pelos novos movimentos sociais pela democracia, como os de estudantes (movimento do passe livre no Brasil), feministas e ambientalistas. Daí, reforça-se a ideia do uso das TIC, como salienta Jasper (2016, p. 101), "[...] novas tecnologias de comunicação têm ajudado movimentos sociais. A mídia é um recurso físico essencial, [...] De qualquer maneira, o uso das tecnologias de comunicação sempre esteve ao lado dos movimentos sociais, por exemplo nos Estados Unidos, os movimentos sociais tiveram um grande avanço na década de 1830 com a impressão e o envio de cartas, pelo correio, de bíblias e panfletos religiosos. O alcance da mídia continuou a se expandir, com o rádio e depois a televisão penetrando num número crescente de lares, locais de trabalho e praças por todo o mundo. Mais tarde, a internet abriu canais para a transmissão de mensagens menos centralizadas e unidirecionais. (JASPER, 2016, p. 101-102).

O surgimento e uso das TIC pelos novos movimentos sociais têm proporcionado cada vez mais diferentes formas de mobilização. Assim, pode-se abrir um parêntese para envolver a educação nesse projeto de superação do capital.

A educação tem um papel fundamental, visto que é por meio dela (também, e em alguns casos, exclusivamente) que as pessoas podem ter acesso ao conhecimento necessário para, de algum modo, "dominar" as tecnologias, compreendendo-as assim, não se restringirem a ser apenas suas usuárias. (OTERO-GARCIA, 2008, p. 285).

Então, deve-se ter a clareza de dizer que não é qualquer educação que conduz ou vai conduzir o alcance da superação do capital, ou ainda, atender reivindicações dos sujeitos do campo em torno da educação do campo, por exemplo.

Pois, há uma enorme contradição em volta da educação como salienta Taffarel (2011, p. 14):

A educação que poderia ser uma alavanca essencial para a mudança, tornou-se instrumento daqueles estigmas da sociedade capitalista: fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à maquinaria produtiva em expansão do sistema capitalista, mas também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes. Em outras palavras, tornou-se uma peça do processo de acumulação de capital e de estabelecimento de um consenso que torna possível a reprodução do injusto sistema de classes.

As pretensões da educação do campo pautada em uma educação política emancipatória como deve ser, contradiz as bases políticas e de interesse da educação em vigor. Sendo assim, tal educação - que reproduz o modo capitalista - não atende aos povos do campo, tampouco aos interesses dos movimentos de luta social. É preciso ter uma educação que vá além do capital, já que a educação, por si só, não é capaz de transformar a sociedade rumo à emancipação social. (MÉSZÁROS, 2005).

[haja vista], que a educação, trata-se de uma questão de &39;internalização&39; pelos indivíduos, da legitimidade da prática que lhes foi atribuída na hierarquia social, juntamente com suas expectativas &39;adequadas&39; e as formas de &39;certas&39;, mais ou menos explicitamente estipuladas nesse terreno (MÉSZÁROS, 2005, p. 44).

Portanto, seguindo um caminho possível de transformação das zonas rurais a partir do auxílio da educação: "a luta pela

a luta pelas políticas públicas no campo como direito dos trabalhadores rurais, demonstram que os pilares da escolarização perspectiva da transformação social" (TAFFAREL, 2011, p. 15) são os que se ligam "a consistente base teórica, consc de classe, formação política e organização revolucionária". (Idem, p. 15-16).

TIC, educação e expropriação

Quanto se trata de debater educação, as TIC, é tema de estudo há algum tempo nos diversos setores intelect principalmente, nas universidades. O que chama atenção sobre elas é que os professores que atuam nas escolas do c carregam reflexões, formulações e/ou significados sobre as influências destas tecnologias nos processos sociais, cultu de educação vividos por eles, mesmo sabendo que o campo carece de enormes investimentos, não só de tecnologias d no contexto das escolas do campo, mas, também de política de educação, de segurança etc., que favoreça mel condições de vida para os povos do campo.

Tudo leva a crer que os professores têm essa erudição porque, de algum modo, sabem da relação e, portanto, da influ avassaladora das TIC na sociedade. Além do mais, os cursos de formação continuada para professores que atuar escolas do campo em Sergipe, contribuem bastante para formar professores que se comprometam com as emergênci campo. Sendo assim, se algum professor tem dúvida que tipo de política é adotada para os povos do campo, com perceber as contradições que a escola do campo tem que enfrentar.

Diante de uma sociedade cheia de contradições na qual as TIC chegam em doses homeopáticas às classes mais pobres podemos abrir mão, da apropriação dessas tecnologias e, a partir daí, criar também possibilidades de superação do c ainda que seja utópico materializar tal desejo. Nesse sentido, pode-se dizer que entre as categorias de análise da soci capitalista que (re) tira direitos dos povos do campo é a expropriação. Esta categoria tem entrado na pauta de discussã cursos de formação continuada para professores da educação do campo em Sergipe. O processo de expropriação er vivem os povos do campo cada vez mais tem se intensificado, infelizmente.

Com a expropriação da terra, por exemplo, intensificam-se os processos de precarização do trabalho e exclusã trabalhador do campo que vive no e do campo, bem como aumentam os processos de perdas de direitos e garantias qu afetado não só o direito a terra, mas todas as condições de direitos que esses povos têm, inclusive de acesso, às TIC direitos que deveriam ser amparados pelos estados e municípios através de políticas públicas efetivas. Mas, isso nã aconteceu.

Nesse sentido, o uso das TIC pelos povos do campo em Sergipe, além de combater o analfabetismo digital, tem como ot promover o fortalecimento da cultura campesina. Julga-se que um dos pilares que abre um leque de conhecime compreensão, com certo olhar crítico, da realidade, necessidade, reivindicações, interesses e perspectivas dos pov campo é o que compete à educação do campo, às escolas do campo e aos professores. Por isso, tais questionam circulam, no primeiro momento, em torno do que salienta Taffarel (2011):

a proposta de escolarização da classe trabalhadora na atualidade passa, sim, pela formação intelectual, [...], pelo domíni tecnologias. Cabe à escola garantir o acesso dos trabalhadores ao desenvolvimento intelectual, o que implica desenvolv funções psicológicas superiores que permitem avançar o pensamento teórico dos estudantes. (p. 16).

Concorda-se com Taffarel, pois as TIC podem contribuir com a formação intelectual da classe trabalhadora, sobre contribuir com a educação do campo, no sentido de possibilitar, entre tantas coisas, a disseminação do fluxo de inform conhecimento e comunicação nas escolas do campo, conseqüentemente, elas podem contribuir com a elevação do ní consciência política dos sujeitos do campo e sob o ponto de vista pedagógico pode facilitar que os professores trab: melhor com os conteúdos curriculares. No entanto, ao defender a entrada das tecnologias digitais no campo, não se tornar ausente, jamais, a crítica necessária ao uso delas em todo processo de formação social, cultural e intelectual do su Enfim, seguindo uma postura crítica da inserção das TIC na vida humana e não poderia ser diferente, acredita-se que possam ser importantes para os sujeitos do campo. Se assim for, elas inseridas na zona rural a partir das escolas do c podem aumentar de forma significativa o fluxo de informação, comunicação e conhecimento. Podem também a possibilidade dos sujeitos do campo consumirem/produzirem conteúdos sobre a cultura campesina, haja vista, que el colocam como produtores de culturas de suas próprias percepções, o que fortalece e valoriza a cultura do campo.

Por isso, que às TIC, de algum modo, tem que ser vistas como uma alternativa de emancipação sociodigital e democrát conhecimento e, portanto, não podem ficar de fora da vida dos sujeitos que vivem no e do campo. Nessa perspectiva que essa situação venha acontecer, depende essencialmente que a classe trabalhadora tenha consciência da luta que : necessária e constante. Como diz muito bem Taffarel (2011) se a classe trabalhadora não tem consciência desta luta e n organiza enquanto classe social para conquistar suas demandas é somente classe em si, ou seja, fica submetido às an e às contradições do capital. Vale lembrar que "vivemos ainda sob o jugo da propriedade privada dos meios de produçã exploração das forças produtivas" (TAFFAREL, 2011, p. 3). Por isso, os povos do campo precisam trilhar caminh superação dessa realidade para conquistar, por exemplo, o direito de ter acesso às TIC.

TIC e Formação de professores

A formação de professores e educação do campo, ou formação de professores para atuarem na educação do campo tem trajetória construída a partir de interesses sociopolíticos, exigências colocadas em prática a partir da realidade social: os povos do campo estão inseridos e, desse modo, se aliam às finalidades da educação no seu contexto de entendimento (resistência) e de superação, do lugar que a educação ocupa nas políticas governamentais, e, principalmente, das travadas pelas classes trabalhadoras em funções das suas demandas. Nesse sentido, a educação do campo, em que a formação continuada de professores atuantes nas escolas do campo, não pode mais abrir mão das TIC.

Sabe-se que as demandas e reivindicações dos povos do campo são imensas. Talvez, por isso, a discussão da inserção de tecnologias digitais na zona rural se esvazie no caminho.

Por exemplo, para Baraúna (2009, p. 303):

a educação do campo necessita de muito mais do que métodos e técnicas de ensino, precisa de profissionais que se comprometam politicamente com as questões relativas ao meio rural e compete às universidades oportunizarem momentos de reflexão e construção de projetos diferenciados. Do contrário, estaremos favorecendo o desenvolvimento de práticas que não favorecem a melhoria das condições de vida da população do campo, mas simplesmente contribuindo para a manutenção do sistema de dependências e desigualdade social. É preciso compreender que a carência da população do campo reside na falta de meios adequados para o desenvolvimento de suas potencialidades, e de tecnologias apropriadas de utilização dos recursos naturais, os quais contribuiriam para a melhoria das condições de permanência em seu local de origem, para prosperar a economia e a cultura através da possibilidade de uma vida digna. Neste sentido, o processo educacional desenvolvido poderá auxiliar a população nesta direção, ficando coerente com as peculiaridades da região onde se insere. A defesa que Baraúna faz apontando algumas das exigências para o campesinato, demonstra, de algum modo, a necessidade de inserir o debate sobre as tecnologias digitais no contexto dos direitos dos povos do campo. Logo, a formação de professores para atuarem na educação do campo precisa organizar concepções sobre a inclusão das TIC. Isso significa inserir as TIC no contexto da educação do campo para além de se ter apenas o acesso às informações, dos domínios dos recursos tecnológicos. Mas, sobretudo é preciso uma formação a favor da emancipação humana (individual/coletiva) dos sujeitos.

Nesse perspectiva, defende-se uma apropriação simbólica e, portanto, significativa das TIC e que o acesso a elas se torne uma realidade nas escolas do campo para que se ampliem as condições de luta e resistência da classe trabalhadora que vive no e do campo. No entanto, ao propor a utilização das TIC numa perspectiva de emancipação humana, pode-se afirmar, em um primeiro momento, que, com a utilização das TIC, o sujeito pode mudar a sua forma de pensar, processando informações e transformando essas informações em conhecimentos capazes de fortalecê-los no reconhecimento da realidade social em que eles estão submetidos e, assim, eles podem lutar cada vez mais por querer conquistar direitos e se manter fortalecidos, conquistar mais direitos e melhorar as condições de vida que eles têm.

Desse modo, ousa-se dizer, se a inserção das tecnologias digitais na educação do campo ultrapassar os limites do instrumental e técnico, elas poderão corroborar com o processo de emancipação humana dos sujeitos do campo. Ao contrário, as TIC tendem cada vez mais a impulsionar as seguintes implicações no trabalho docente como afirma Marinho (2005):

Autonomia e controle, "ela tanto pode significar a possibilidade de ampliar os horizontes do trabalho docente com a autonomia como pode ocasionar perda de autonomia e maior controle sobre esse trabalho". (p.126);

Intensificação do trabalho docente, "constatou-se que cada docente dá um significado ao seu trabalho e coordena seu tempo [...] da mesma maneira que o uso das TIC diminui o tempo para executar uma tarefa, ele também propicia o surgimento de novas atribuições". (p. 130-131).

Por isso, cada vez mais, o tema educação no campo requer um olhar diferenciado em relação ao percurso formativo dos professores que atuam no campo. Um percurso que exige que as TIC façam parte dessa realidade. Faz-se necessário em consideração uma matriz de formação continuada de professores que valorize os diferentes saberes e conhecimentos encontrados no campo, como também a diversidade e a biodiversidade, promovendo o incentivo à formulação de propostas pedagógicas específicas, comprometidas com a formação dos profissionais da educação do campo, com a valorização da identidade da escola do campo e com o controle social da qualidade da educação.

No entanto, é preciso esclarecer segundo Taffarel (2011, p. 18), que "é necessário recolocarmos a referência do processo histórico comunista na escolarização e na formação de professores para a escola do campo. [...] Esta é a vocação histórica do proletariado. Ou seja, levar a cabo uma ação libertadora do mundo" e, para isso, deve tomar as TIC como fomentadoras de tal ação na medida que elas têm ou pode levar a cabo a capacidade de habilitar os professores a construir um projeto superador de educação do campo.

Conclusão

Diante do exposto, concluiu-se que as TIC quando democratizadas e universalizadas são capazes de socializar os conteúdos mentais de milhões de coletividades gerando novas expressões culturais, novos valores, novas imagens. A presença da educação do campo, conseqüentemente, na vida dos camponeses pode abrir para eles um novo espaço de ação-política.

iniciar o processo de transformação social de suas realidades.

Cada sujeito do campo pode ter condições de criar um universo gerador e transformador da situação real vivida por ele. À perspectiva, às tecnologias digitais podem romper com a lógica dos espaços montados de forma hegemônica e gerar novos conceitos do chamado espaço-mundo. Este condicionado pela presença das tecnologias digitais são novos palcos de enfrentamentos que os sujeitos do campo, sem distinção, precisam apropriar-se para dominá-los e com isso utilizá-los uma das formas de diminuir a distância que há entre eles e a sociedade em função de direitos.

Não esquecendo, logicamente, que as TIC também podem fortalecê-los enquanto sujeitos de uma contracultura. Porém, do que ter clareza das modificações ocorridas e/ou que podem ocorrer por conta delas, é necessário, pensar tecnologias digitais podem ajudá-los, principalmente, da possibilidade delas se apresentarem como elemento emancipatório um devir social emergente aos olhos da sociedade capitalista contemporânea.

## REFERÊNCIAS

BARAÚNA, Rosemeire Silva. Formação de Professores e Educação do Campo: análise de uma proposta de formação superior e repercussões em um município baiano. In: CUNHA, Maria Couto. Gestão Educacional nos Municípios. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 285-309.

CASTELLS, Manuel. Sociedade em Rede. Tradução de Roneide Venâncio Majer. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. (Coleção A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura).

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. São Paulo Perspec. vol.14 no.2 São Paulo Apr./June 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-8839200000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-8839200000200002). Acesso em: 02 de ago/2017.

JASPER, James M. Protesto: uma introdução aos movimentos sociais. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LIMA, Maria de Fátima Monte. NO FIO DE ESPERANÇA Políticas Públicas de Educação Tecnologias da Informação e Comunicação. Termo in: Maria de Fátima Monte Lima. A CAIXA DE PANDORA: Educação e a universalização e democratização das Tecnologias da Informação e da Comunicação. 2002. f. 208-240. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2002.

MARINHO, Cláudio. O uso das Tecnologias Digitais na Educação e as implicações para o trabalho docente. 2008. (Dissertação Mestrado), Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG.

MARX, Karl. O Capital. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

\_\_\_\_\_. Capítulo VI inédito de O Capital. São Paulo: Moraes, 1985.

MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. São Paulo, Campinas: Boitempo, 2005.

OTERO-GARCIA, Sílvio César. KENSKI, Vani Moreira. Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2008. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/articulo.oaid=89423377015>>. Acesso em: 03 de out/2016.

SOUZA, Natalina Pereira de. Liberdade para a educação do campo: o uso das tecnologias da informação e comunicação. Curitiba: Appris, 2016.

TAFFAREL, Celi Nelza Zülke. Políticas públicas, educação do campo e formação de professores para a escola do campo. Seminário Educação Popular, Movimentos Sociais e Formação de Professores, UERJ, 2011. Disponível em: . Acesso em: 03 de out/2016.

\_\_\_\_\_; JÚNIOR, Cláudio de Lira; ESCOBAR, Micheli Ortega. Cadernos didáticos sobre educação no campo. Celi Zülke Taffarel, Cláudio de Lira Santos Júnior, Micheli Ortega Escobar (Orgs). Salvador: EDITORA, 2010.

Mestre em Educação. Professor do Estado de Educação de Sergipe (SEED). Membro do Grupo de Pesquisa em Educação e Movimentos Sociais (NETE/UFFS); membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Informática na Educação (GEPIED/UFPA) e membro do Grupo de Educação Profissional do IFS/CNPq. E-mail: profjosivanmoura@gmail.com.

Doutora em educação. Professora do Instituto Federal de Sergipe. Professora do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Líder do Grupo de Educação Profissional do IFS/CNPq.

O professor como outros profissionais é obrigado a vender a sua força de trabalho, além disso, nesse processo ele realiza múltiplas atividades, inclusive algumas que vão além das tarefas de sala de aula e da educação.

Carta Capital. Ideias em tempo real. Publicado em 17/05/2017 às 00h30. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/201cna-escravidao-o-trabalhador-era-vendido-na-terceirizacao-ele-e-alugado2>  
Acesso em: 26 de jul/2017.

Não devemos ler internalização como processo de inculcação ideológica. Na realidade, Mézáros está nos falando de um processo complexo em que a educação é uma parte.